

# EROS E PSIQUE EM TRÊS POEMAS DE LÍNGUA PORTUGUESA

Natália Oliveira Jung<sup>1</sup>

## RESUMO

Vindo da mitologia grega, o mito de Eros e Psique está presente em inúmeras manifestações artísticas que tratam do amor, sobretudo, nas literárias. Privilegiando a análise de textos literários através da psicologia analítica, nos embasaremos nos conceitos de arquétipo e individuação de Carl Gustav Jung para a leitura de três poemas da língua portuguesa. Dividiremos o mito em três fases distintas, o comparando com três poemas de diferentes autores e gerações de poetas da língua portuguesa: transforma-se o amador na coisa amada de Luís Vaz de Camões, a paixão segundo Camões, de Carlos Felipe Moisés e *Transforma-se o Amador na Coisa Amada, com seu*, de Herberto Helder. Iremos relacionar o processo de individuação de psique à projeção do arquétipo de alma de cada eu-lírico, a fim de demonstrarmos a influência arquetípica na poesia. O exercício de análise comparativa aqui proposto baseia-se na afirmação de Octávio Paz de que o ato de poetizar não se constitui de interpretação, mas sim de revelação da condição humana. Privilegiando a psicologia analítica para a análise de textos poéticos em detrimento de teorias da literatura, concluiremos que o processo de individuação é inerente ao fazer poético e o próprio poetizar é um exercício de busca da individuação.

**Palavras-chave:** Eros e Psique, mitologia, arquétipo, poesia.

---

1 Professora do Colégio de Aplicação da Universidade Federal do Acre - nataliajung@gmail.com

## INTRODUÇÃO

O amor é dos temas mais recorrentes na poesia. Com diferentes tratamentos, abordagens ou eu-líricos, é assunto que remonta desde a Grécia Antiga. Segundo Campbell (1990), a impessoalidade era característica nos poemas amorosos até o século X. A partir do século XI, com os trovadores, a poesia passou a ter um caráter pessoal ao se falar do amor. Este passou a ser voltado a outra pessoa, de indivíduo para indivíduo. O trajeto do amor impessoal ao amor personificado pode ser visto no mito de Eros e Psique. De origem grega, a versão latina que adotamos é de Lúcio Apuleio (125 - 170 *d.c.*), narrada no romance *Metamorfoses*, também traduzido como *O Asno de ouro*<sup>2</sup>.

O mito traça a trajetória de encontro do amor que dividiremos em três fases: 1. amor de forma não consciente; 2. separação; 3. retomada do amor, porém no patamar da consciência.

Na primeira fase, Psique, que significa alma personificada, deseja encontrar um marido, mas resignada ao pai que apenas obedece às ordens do oráculo de entregá-la a um monstro, acaba por cair nos braços de Eros. Eros, palavra grega que significa literalmente “desejar ardentemente”, é a personificação do amor (BRANDÃO, 1998). Cegado pela beleza de Psique, Eros esquece os mandos de sua mãe de matar a bela humana e a leva para um palácio encantador onde a tem como esposa. Sem saber quem é, mas deleitada pela sedução do deus do desejo, Psique também se apaixona e se mantém fiel ao pedido de Eros de não procurar ver quem ele é. Ambos, cegos de paixão, embebem-se num relacionamento secreto, sobretudo Psique, que além de estar escondida num palácio distante, nem ao menos sabe quem é o homem a quem chama de marido.

O início deste mito retrata o encontro de duas pessoas, porém um encontro que se dá num campo inconsciente. Há o desejo, a paixão, que são as deixas para o enlace com o outro que, na realidade, se trata da descoberta de si mesmo. Psique é a protagonista desta narrativa rumo a individuação e consciência de si próprio, através da união consciente de dois opostos.

Na segunda fase, Psique, embebida num conflito interno por desconhecer o marido e instigada pelas irmãs, decide ver o rosto de Eros, o que lhe custa a separação de seu amado e recorrente mergulho em uma

2 APULEYO, Lucio. *La metamorfosis o El asno de Oro*. Edición eBooket: s/d.

aventura coberta de arrependimento e desejo de recuperar o amor perdido. Para encerrar a jornada de Psique, a terceira e última fase do mito revela o reencontro com Eros, porém de outra forma. Após enfrentar todos os obstáculos necessários ao encontro consigo mesma, adentrando as profundezas de seu inconsciente, “ela teve de descer ao

Submundo, cujo acesso era proibido a qualquer ser humano” (SHARMAN-BURKE e GREENE, 2013:117), Eros e Psique se reencontraram, ambos dentro da consciência de quem era quem e da necessidade que o amor mútuo exigia de estarem juntos.

## METODOLOGIA

Com base na antiga história, iremos apontar como as três fases do mito de Eros e Psique podem ser encontradas na literatura, através dos poemas de Camões, Felipe Moises e Herberto Helder. Todos se iniciam com o verso “transforma-se o amador” na “coisa amada” ou “em coisa alguma”. Portanto iremos desenvolver a análise de como se dá esta transformação do amador, tomando o arquétipo de *anima* como guia.

## REFERENCIAL TEÓRICO

Mitos nada mais são do que histórias cheias de reflexões e questionamentos a respeito da condição humana e das relações sociais (ROCHA, 1996). De acordo com Jung (2002), os personagens mitológicos são representações arquetípicas. Arquétipos são formas preexistentes que compõem nosso inconsciente coletivo. Este último, por sua vez, é o sistema psíquico de natureza herdada e coletiva, ou seja, não tem caráter pessoal. Os arquétipos, portanto, pertencem à humanidade e se manifestam através de projeções do nosso inconsciente. “A Projeção é um processo inconsciente automático, através do qual um conteúdo inconsciente para o sujeito é transferido para um objeto, fazendo com que este conteúdo pareça pertencer ao objeto” (JUNG, 2002:72).

Há inúmeros arquétipos que traduzem características da personalidade humana independente da cultura, geografia, raça, crença ou nacionalidade. O arquétipo que nos interessa é o de *anima*, que se trata da noção de feminino pertencente ao inconsciente coletivo.

A *anima* não é alma no sentido dogmático, nem uma *anima rationalis*, que é um conceito filosófico, mas um arquétipo natural que soma satisfatoriamente todas as afirmações

do inconsciente, da mente primitiva, da história da linguagem e da religião. Ela é um “factor” no sentido próprio da palavra. Não podemos fazê-la, mas ela é sempre o a priori de humores, reações, impulsos e de todas as espontaneidades psíquicas. Ela é algo que vive por si mesma e que nos faz viver; é uma vida por detrás da consciência, que nela não pode ser completamente integrada, mas da qual, pelo contrário, esta última emerge. (...) Embora pareça que a totalidade da vida anímica inconsciente pertença à anima, esta é apenas um arquétipo entre muitos. Por isso, ela não é a única característica do inconsciente, mas um de seus aspectos. Isto é mostrado por sua feminilidade (Ibdem, p. 37).

As manifestações de *anima* são inúmeras. Da “grande mãe” à “poposuda”, ela se manifesta no imaginário coletivo de diferentes formas e para diferentes fins. Trazendo para o âmbito pessoal, a projeção de *anima* pode ser feita de forma positiva ou negativa de acordo com os aspectos inconscientes de cada indivíduo.

Indo para o que nos interessa - a literatura - nela temos milhares de exemplos da projeção de *anima*. Nas cantigas de amor, lá estão as inúmeras *animas* das doces mulheres ideais projetadas por seus eu-líricos masculinos. A projeção de *anima* nas artes, segundo von Franz (s/d:186), é a função positiva de anima: “ocorre quando o homem leva a sério os sentimentos, os humores, as expectativas e as fantasias enviadas por sua anima e quando ele os fixa de alguma forma, por exemplo na literatura, pintura, escultura, música ou dança”.

## DISCUSSÃO

### Transforma-se o amador na cousa amada - Camões<sup>3</sup>

Transforma-se o amador na cousa amada,  
por virtude do muito imaginar;  
não tenho, logo, mais que desejar,  
pois em mim tenho a parte desejada.

Se nela está minha alma transformada,  
que mais deseja o corpo de alcançar?  
Em si somente pode descansar,  
pois consigo tal alma está ligada.

3 CAMÕES, Luís Vaz. *200 Sonetos*. São Paulo: L&PM Pocket, 2001.

Mas esta linda e pura semidéia,  
que, como um acidente em seu sujeito,  
assim como a alma minha se conforma,

está no pensamento como ideia:  
o vivo e puro amor de que sou feito,  
como a matéria simples busca a forma.

O poema de Camões “Transforma-se o amador na cousa amada” sugere logo de início, a sizígia dos dois opostos separados, tornando-se um único ser. De acordo com Jung, a sizígia masculino-feminino é responsável pela busca do outro, pela necessidade de união e tornar-se um com o outro. Esta busca é iniciada pelo desejo, e quem não mais que Eros é o próprio desejo? Apesar de contido, por reter o desejo aparentemente satisfeito em seus pensamentos, como nos mostram os versos “por virtude do muito imaginar” e “está no pensamento como ideia”, o poema de Camões dá os primeiros passos em busca da resolução da sizígia<sup>4</sup>. “Cousa amada” é totalmente impessoal. Estamos aferindo que esta “cousa amada” seja uma mulher. Isto não está claro, mas o próprio eu-lírico também não sabe quem é esta cousa amada que lhe povoa os pensamentos já se tornando um consigo próprio. “Se nela está minha alma transformada,/ que mais deseja o corpo de alcançar?” Mas ele próprio sabe que é “uma simples semidéia” e que o desejo, ali, está em sua busca.

De acordo com Jung, “Parece-nos provável que um arquétipo em estado de repouso, não projetado, não possui forma determinável, mas constitui uma estrutura formalmente indefinida, mas com a possibilidade de manifestar-se em formas determinadas, através da projeção” (2000:81). Psique - a personificação de *anima* - no início de sua jornada está às cegas: sente-se em completa satisfação com um ser que desconhece, mas mantém, secretamente, o desejo de conhecer o marido, seu rosto, sua forma, assim como o eu-lírico do poema camoniano: “não tenho, logo, mais que desejar,/ pois em mim tenho a parte desejada”, sugerindo que seu desejo já está satisfeito, porém ao final declara: “[e] o vivo e puro amor de que sou feito,/ como a matéria simples busca a forma”.

Apesar de Eros e Psique terem envolvimento sexual, o que não ocorre no poema Camoniano, ambos sugerem um relacionamento no nível inconsciente e impessoal, pautado na fantasia do que pode vir a

4 Segundo Jung, sizígia significa união de opostos.

ser, independente de quem seja a “coisa amada”. Isto demonstra que a *anima*, tanto na primeira fase do mito quanto em Camões, não está resolvida.

### **A paixão segundo Camões - Carlos Felipe Moisés<sup>5</sup>**

Transforma-se o amador em coisa alguma,  
sem dolo, sem virtude e sem razão.  
Por muito amar, dispersa o coração  
e rói daquilo que é a alma nenhuma

As esperanças perde, uma a uma,  
de decifrar o rosto da paixão.  
Sem rumo, ilhado entre o sim e o não,  
perde-se no amor de um mar sem espuma.

Transforma-se o amador em coisa errante,  
atira ao vento um grito enrouquecido,  
buscando encontrar-se na coisa amada.

A pele rota, o gesto vacilante,  
transforma-se, de amar como um perdido,  
em sombra de si mesmo, ausência, nada.

A impessoalidade permanece em “A paixão segundo Camões”, de Felipe Moisés. A “coisa amada”, que sugerimos ser uma mulher, embora não haja nenhum elemento concreto que nos apoie nesta decisão, é ainda coisa. Mas com um pouco mais de ousadia do que no poema anterior, o eu-lírico nos coloca a necessidade de “decifrar o rosto da paixão”. Parece-nos que a *anima* já está suficientemente projetada a ponto de dar certa forma ao nomeado objeto: rosto; e um sentimento um pouco mais afeito à matéria: paixão. Já podemos imaginar alguém palpável, cujo amor talvez não seja correspondido: “Sem rumo, ilhado entre o sim e o não,” sugere-nos que não há respostas, “perde-se no amor de um mar sem espuma”, tampouco há movimento, vindo o sujeito a se perder de si mesmo, num amor solitário, sem correspondência. Podemos afirmar que o encontro como o outro, no sentido da realização da sizígia, também não foi atingido, mas a busca por este num “rosto”, já é um passo a frente

5 MOISÉS, Carlos Felipe. *Subsolo*. São Paulo: Massao Ohno, 1989.

rumo à consciência de si próprio. “As esperanças perde uma a uma”, pois realmente a jornada para decifrar o rosto da paixão, ou seja, para se reconhecer no outro, “buscando encontrar-se na coisa amada”, não é nada fácil. Assim nos mostra Psique, que ao tentar decifrar o rosto de Eros, o afastou de si.

De acordo com Neumann, a perda do amante, neste momento, é uma das mais profundas verdades dentre as verdades deste mito. Este é o momento trágico em que toda psique feminina assume seu próprio destino. Eros foi ferido por Psique. A gota de óleo, que o queimou, acordou-o e fê-lo ir embora, o que se constitui, de qualquer forma, numa fonte de sofrimentos. Para ele, o deus masculino, a amante era desejável, enquanto no escuro, e ele a possuía com exclusividade. Afastada do mundo, vivendo apenas para ele, sem participação e interferência em sua existência divina, Psique se tornara apenas uma companheira para suas noites. Sua insistência em manter-se no anonimato agrava ainda mais a condição servil da parceira: a cada dia ela era mais devorada por ele”. Tentando matá-lo e ferindo-o, mas vendo-o, Psique emergiu da escuridão e assumiu seu destino como mulher apaixonada, pois ela é Psique, quer dizer, sua essência é psíquica e, por essa razão, uma existência nas trevas não pode satisfazê-la. (BRANDÃO, 1998: 232)

A segunda fase do mito se caracteriza pela separação dos amantes o que torna a sizígia infinitamente mais distante. Porém, a separação justifica-se pela necessidade de imersão de Psique em si própria, através da afirmação de seu desejo e enfrentamento de todos os obstáculos para alcançar o patamar da consciência. Esta passagem é obscura e carregada de desesperança, tanto que Psique considerou até mesmo o suicídio, felizmente foi assistida por criaturas da natureza, que a ajudaram na travessia das trevas em que se encontrava.

Não muito diferente, o poema de Moisés se encerra com o eu-lírico tragicamente desiludido: “A pele rota, o gesto vacilante,/ transforma-se, de amar como um perdido, em sombra de si mesmo, ausência, nada”. Como afirma Brandão (p.233): “O amor, como expressão da totalidade do feminino, não é possível nas trevas, como mero processo inconsciente. Um encontro autêntico com o outro envolve a consciência, apesar da separação e do sofrimento”.

Até então pudemos notar que houve uma mudança do amador de Camões ao de Felipe Moisés no que diz respeito à projeção de *anima*.

Este arquétipo vai se estruturando e seguindo os passos da mitológica Psique. Apesar do sofrimento gerado pela perda do amado, Psique não desiste. Afinal, a partir do momento que saiu da escuridão de sua inconsciência ao ver o rosto de Eros e ter a certeza de amá-lo, nada mais lhe fez sentido senão afirmar seu desejo de se unir a ele. Desta forma, “com o desenvolvimento da consciência, fenômenos transpessoais e arquetípicos assumem uma forma pessoal e tomam lugar na construção de uma história individual, de uma situação humana de vida” (BRANDÃO, 1987: 236).

Doravante, Psique enfrenta a sogra Afrodite, cujo ódio nutrido pela mortal só aumentou ao saber de seu envolvimento com Eros. A grande deusa lhe passa árduas tarefas a serem vencidas para que possa rever o amado. Desiludida em atingi-las, porém respaldada por seres da natureza, Psique vence todas as tarefas, vacilando apenas na última, onde Eros, não mais suportando ver o sofrimento da amada, a ampara e, enfim, o reencontro acontece. Este reencontro, porém, se dá em outro nível: o da consciência. Eros finalmente assume a humana como sua mulher perante todos os deuses e, sobretudo, enfrentando sua mãe. Psique, por sua vez, ao encarar todos os obstáculos das barreiras simbólicas, as quais representam o mergulho em si mesma, traz à tona o profundo desejo de sua alma: o de se re-unir ao seu par. A sizígia então ocorrerá - a união de opostos -, cujo resultado leva à totalidade do ser e deifica.

### **Transforma-se o amador na coisa amada, com seu - Herberto Helder<sup>6</sup>**

Transforma-se o amador na coisa amada, com seu  
feroz sorriso, os dentes,  
as mãos que relampejam no escuro. Traz ruído  
e silêncio. Traz o barulho das ondas frias  
e das ardentes pedras que tem dentro de si.  
E cobre esse ruído rudimentar com o assombrado  
silêncio da sua última vida.  
O amador transforma-se de instante para instante,  
e sente-se o espírito imortal do amor  
criando a carne em extremas atmosferas, acima  
de todas as coisas mortas.

Transforma-se o amador. Corre pelas formas dentro.  
E a coisa amada é uma baía estanque.  
É o espaço de um castiçal,  
a coluna vertebral e o espírito  
das mulheres sentadas.  
Transforma-se em noite extintora.  
Porque o amador é tudo, e a coisa amada  
é uma cortina  
onde o vento do amador bate no alto da janela  
aberta. O amador entra  
por todas as janelas abertas. Ele bate, bate, bate.  
O amador é um martelo que esmaga.  
Que transforma a coisa amada.

Ele entra pelos ouvidos, e depois a mulher  
que escuta  
fica com aquele grito para sempre na cabeça  
a arder como o primeiro dia do verão. Ela ouviu  
e vai-se transformando, enquanto dorme, naquele grito  
do amador.  
Depois acorda, e vai, e dá-se ao amador,  
dá-lhe o grito dele.  
E o amador e a coisa amada são um único grito  
anterior de amor.

E gritam e batem. Ele bate-lhe com o seu espírito  
de amador. E ela é batida, e bate-lhe  
com o seu espírito de amada.  
Então o mundo transforma-se neste ruído áspero  
do amor. Enquanto em cima  
o silêncio do amador e da amada alimentam  
o imprevisto silêncio do mundo e do amor.

Em Herberto Helder, podemos perceber o caminho da personificação do amor. A “coisa amada” já não é tão abstrata: “a coisa” passa a ter “dentes”, “sorriso”, “mãos que relampejam”. “O espírito imortal do amor/criando a carne em extremas atmosferas, acima /de todas as coisas mortas”. Assim como cria carne, vai além das coisas mortas. Ou seja, é carnal, mas também espiritual. A “coisa amada” é agora “mulher”: “e depois a mulher/ que escuta/ fica com aquele grito para sempre na cabeça/ a arder

como o primeiro dia do verão. Ela ouve/ e vai-se transformando, enquanto dorme, naquele grito/ do amador”. Com sensações, com cabeça, corpo e espírito, esta mulher possui forma. A *anima*, enfim, está totalmente projetada.

Na projeção, a anima sempre assume uma forma feminina, com determinadas características. Esta constatação empírica não significa no entanto que o arquétipo em si seja constituído da mesma forma. A sизígia masculino-feminino é apenas um dos possíveis pares de opostos, mas na prática é um dos mais importantes e frequentes. (JUNG, 2002: 81)

A sизígia foi alcançada, tanto no mito (as núpcias de Eros e Psique perante deuses e mortais) quanto no poema de Herberto Helder: “E o amador e a coisa amada são um único grito/anterior de amor”. O amador, aqui, transformou-se, de fato, na coisa amada, a partir do momento em que a relação entre ambos se deu tanto no campo material, transcendendo-se ao espiritual. Ou seja, graças ao seu desejo não pertencer somente a uma “linda e pura semidéia” (Camões) ou “em sombra de si mesmo, ausência, nada” (Moisés), conseguiu projetar suficientemente sua *anima* a ponto de colocar o amador e a coisa amada no mesmo patamar de responsabilidade sobre o mundo: “o silêncio do amador e da amada alimentam/o imprevisto silêncio do mundo e do amor” (grifo nosso).

O arrebatamento de Psique, da Terra para o Céu, e sobretudo suas núpcias com Eros, vistas sob o ângulo feminino, significam que a faculdade de amar da alma individual é divina e que a transformação pelo amor é um mistério que deifica. (BRANDÃO, 1987: 249)

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O mito não possui sólidos alicerces de definições. Não possui verdade eterna e é como uma construção que não repousa no solo. O mito flutua. Seu registro é o do imaginário. Seu poder é a sensação, a emoção, a dádiva. Sua possibilidade intelectual é o prazer da interpretação. E interpretação é jogo e não certeza. (ROCHA, 1996: 41)

A frase de Everardo Rocha soa simpática a este artigo. Cremos que a interpretação, não só do mito, é jogo. A dos poemas também. Segundo Octavio Paz, “o ato poético, o poetizar, o dizer do poeta - independente do conteúdo particular desse dizer - é um ato que não constitui,

pelo menos originalmente, uma interpretação, mas uma revelação da nossa condição”. A condição humana é conversa para mais não sei quantas teses, artigos ou mesas de botequim, mas incontestável é que ser humano é tarefa a ser alcançada passo a passo. Amar é um caminho para ser humano ou ser humano é um caminho para o amor? Enfim, isso não nos cabe aqui, mas como tudo é um jogo, fica a pergunta.

Voltando ao jogo, escolhemos o mito por ser a voz arquetípica da humanidade, como diz Jung: “as formações arquetípicas, com efeito, não se referem mais a experiências pessoais, mas a ideias gerais cuja significação principal reside em seu sentido intrínseco e não mais em quaisquer relações pessoais do sujeito ou em experiências de sua vida”. (2000:116). A história de amor de Eros e Psique é muito mais uma história de encontro com si mesmo, da personificação da alma e do processo de individuação, do que uma simples história de amor.

O processo de individuação é a realização espontânea do homem total. O homem enquanto consciente do próprio eu é apenas uma parte da totalidade vital, e sua existência não representa a realização deste todo. Quanto mais o homem se torna consciente do próprio eu, tanto mais se separa do homem coletivo que ele próprio é, e se encontra mesmo em oposição a ele. Como, porém, tudo o que vive tende para a totalidade, a atitude unilateral inevitável da vida consciente é corrigida e compensada constantemente pelas componentes essenciais da natureza humana, de modo a integrar definitivamente o inconsciente na consciência, ou melhor, a assimilar o eu a uma personalidade mais ampla. (JUNG, 2000: 117)

Não à toa, este mito segue regendo inúmeras narrativas ao longo dos séculos. Das novelas de folhetim, filmes hollywoodianos a cânones da literatura, é possível identificar elementos da estrutura narrativa do mito de Eros e Psique. Delas, pode-se flutuar pela superfície e tratar apenas do encontro entre dois amantes, como também pode-se jogar ao poço profundo da vida inconsciente, dos arquétipos e da caminhada rumo à realização do se tornar humano junto à humanidade. Foi este caminho que decidimos trilhar com os poemas de Camões, Moisés e Helder, num jogo onde fosse possível analisá-los às vistas do desenvolvimento da projeção de um arquétipo - *anima* - o feminino da humanidade, e comparando-os entre si sob a perspectiva do processo de individuação que tem por resultado a sızigia masculino-feminino.

Para deixar o jogo mais colorido, recorreremos às agradáveis cartas do tarô mitológico<sup>7</sup>, no intuito de resumir e encerrar a análise aqui proposta. Nelas, o naipe de copas narra o mito de Eros e Psique. Pela carta *dois de copas* podemos simbolizar o poema “Transforma-se o amador na coisa amada”.

De acordo com Platão, a respeito das origens da humanidade, a alma humana, inicialmente, era uma esfera perfeita e continha tanto o masculino quanto o feminino. Mas essa alma andrógina dividiu-se e, assim, a raça humana, constituída de homens e mulheres, é cegamente levada a buscar a sua metade perdida. Para a mentalidade grega, a atração erótica representava alguma coisa sensual e espiritual, pois, além de proporcionar prazer físico, também era a procura da alma por seu complemento. Quando um novo potencial começa a surgir do inconsciente na vida do indivíduo, ele inicia por projetar-se sobre alguém ou sobre alguma coisa no mundo exterior. (SHARMAN-BURKE e GREENE, 2013: 121)

Como vimos anteriormente, o poema de Camões inicia a projeção do arquétipo de *anima*, através da busca de algo que, a princípio afirma estar unido a si, “tenho em mim a parte desejada”, mas que encerra na busca de se materializar numa forma externa a si. É o primeiro impulso rumo a sizígia, à totalidade.

Na carta *cinco de copas*, está representada a separação dos amantes após a traição de Psique. Embora não possamos afirmar que o eu-lírico de Moisés tenha passado por uma traição, tampouco por uma separação, há elementos que configuram um relacionamento interrompido em algum momento, pois “as esperanças perde, uma a uma/ de decifrar o rosto da paixão”. Se perde as esperanças, é porque elas existiram outrora. Houve avanço, portanto, na projeção de anima, pois não há apenas a ideia, mas um sentimento forte como a paixão. E apesar da desolação, busca “encontrar-se na coisa amada”. Portanto ela existe e não está em si, mas em algures a se descobrir. O caminho da descoberta é um suplício, pois é descobrir-se primeiro a si mesmo, para então descobrir o outro e, mais além, descobrir-se no outro e o outro em si. A totalidade, enfim.

7 As cartas do tarô mitológico se baseiam na mitologia grega. A interpretação das cartas que adotamos é de SHARMAN-BURKE e GREENE (2013) e as ilustrações são de Tricia Newell que acompanham a mesma obra.

O Cinco de Copas representa aquele período de prova em um relacionamento quando nos arrependemos de certas ações do pas-sado. Essa carta coloca o difícil problema da traição que, como parte do naipe de Copas, é apresentada como uma experiência necessária e potencialmente criativa. Apesar de penosa, a traição quebra o cego encanto mágico de “estar apaixonado” e totalmente envolvido com a outra pessoa, pois trair, às vezes, pode significar ser autêntico. A traição de Psique não foi um ato impensado ou causado por ambi-ção; ele surge de sua necessidade de conhecer o parceiro, e o deus, de certa forma, está errado em negar-lhe esse conhecimento. Por-tanto, essa é uma ação honesta que provoca o conflito inevitável que, no entanto, necessário, porque qualquer outra ação constituiria uma autotraição. (SHARMAN-BURKE e GREENE, 2013: 125)

Após todos os mergulhos necessários à personificação da alma, o processo de individuação chega ao ápice: dois tornam a ser um, através de uma das formas mais paradoxais possíveis. O encontro carnal, cheio de ruídos, sensações e salivas leva ao sublime, ao espiritual. O poema de Helder descreve, sem pudores, tal envolvimento. A terceira e última fase do mito encerra a sízigia, como já mencionado anteriormente.

O Dez de Copas representa um estado de permanência e de contentamento constante. Pois o novo casamento se baseia na união consciente de dois amantes, mas parceiros diferentes. O fato de Psique ter sido elevada ao status imortal implica que, agora, o seu amor por Eros engloba não somente uma dimensão pessoal e sensual, mas também uma dimensão espiritual. Eros foi humanizado pelo seu amor por Psique; ele não precisa mais escon-der dela o seu rosto. Por outro lado, Psique experimenta um sentido de ligação com o divino que somente o amor profundo pode promo-ver. Dizem que, às vezes, o amor por uma pessoa abre o coração para o amor à própria vida; a vida tem significado e propósito, e um mundo mais amplo e mais brilhante descortina-se ao nosso olhar. Certa vez, Platão escreveu: “Quando olhamos para o rosto do ser amado, podemos ver o reflexo do deus que chegamos a venerar”. É como se o amor, ao passar por muitas provas e fundamentado na honestidade e na humildade, nos ligasse às nossas próprias almas e com um sentido de permanência, significado e retidão na vida. SHARMAN-BURKE e GREENE, 2013: 131)

Longe estamos de afirmar que o encontro carnal de Helder bastou para o final feliz de Eros e Psique. Tampouco a simples semidéia de Camões foi suficiente para dar cabo ao encontro sublime dos amantes. Nem mesmo o mergulho depressivo de Moisés. Todos foram necessários e essenciais e, sobretudo, foram alegorias para uma busca ainda maior: a individuação e a totalidade do ser. Estas cremos ser inerente ao poetizar.

O homem é um ser que se assombra: ao se assombrar, poetiza, ama, diviniza. No amor há assombro, poetização, divinização e fetichismo. O poetizar também brota do assombro, e o poeta diviniza como o místico e ama como o enamorado. Nenhuma dessas experiências é pura; em todas elas aparecem os mesmos elementos, sem que se possa dizer que um é anterior aos outros. (PAZ, 1967: 172)

## REFERÊNCIAS

BRANDÃO, Junito de Souza. **Mitologia Grega**. Vol.2. Petrópolis: Vozes, 1987.

CAMPBELL, Joseph. **O poder do Mito**. Palas Athena. São Paulo, 1990.

JUNG, Carl Gustav. **Natureza e psique**. Petrópolis: Vozes, 2000.

JUNG, Carl Gustav. **Os arquétipos e o inconsciente coletivo**. Petrópolis: Vozes, 2002.

PAZ, Octavio. **O arco e a lira**. Tradução de Olga Savary. 2º edição. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1967.

ROCHA, Everardo. **O que é Mito?** Coleção Primeiros Passos. São Paulo: Brasilienses, 1996.

SHARMAN-BURKE, Juliet e GREENE, Liz. **O Tarô mitológico**. São Paulo: Madras, 2013.

VON FRANZ, M.L. O processo de individuação. In: **O homem e seus símbolos**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, s/d.